

ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DO MERCADO DE PRODUTOS CAPRINOS E OVINOS: O CASO DO TERRITÓRIO DO SERTÃO DO PAJÉU EM PERNAMBUCO¹

Evandro Vasconcelos Holanda Júnior², Espedito Cezário Martins³

¹Estudo realizado com recursos do projeto “**Improving marketing and income generation of goat and sheep products in land reform settlements in the Brazilian dry lands**”, o qual representa a parte brasileira do Programa IFAD TAG 659-ICARDA “*Strengthening institutional capacity to improve marketing of small ruminant products and income generation in dry areas of Latin America*”. No Brasil o é coordenado pela Embrapa, envolvendo as Unidades Descentralizadas Caprinos (Centro Nacional de Pesquisa de Caprinos) e Semi-Árido (Centro Nacional Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-árido), e em parceria com o Projeto Dom Helder Câmara – PHDC. O Programa tem financiamento do Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura (FIDA).; ²Médico Veterinário. Pesquisador da Embrapa Caprinos, Sobral – Ceará, evandro@cnp.embrapa.br; ³Engenheiro Agrônomo, Pesquisador da Embrapa Caprinos, 70, Sobral – Ceará, ecezario@cnp.embrapa.br

RESUMO: Partindo da hipótese de que o fortalecimento das cadeias produtivas de produtos agrícolas poderá contribuir para o resgate social e a geração de emprego e renda, buscou-se fazer uma análise das formas de produção e comercialização de produtos caprinos e ovinos no território do Pajeú em Pernambuco. Para tanto, numa primeira seção, busca-se caracterizar a área de estudo, realçando-se o papel da caprino-ovinocultura como alternativa para atingir o desenvolvimento do referido território. Em seguida, descreve-se a metodologia utilizada. Posteriormente, apresentam-se os resultados enfatizando-se a localização e a evolução da caprinovinocultura em Pernambuco, e na região do Pajeú e, as relações entre produtores de leite e de carne, intermediários e retalhistas. Termina-se com a conclusão de que os problemas enfrentados por todos os elos da cadeia produtiva precisam ser melhor entendidos e que a solução para os mesmos passa, necessariamente, por ações em que exigem estratégia e colaboração de todos que compõem a referida cadeia produtiva.

Palavras-chave: caprinovinocultura, produção e mercado.

1. Introdução

O Estado do Pernambuco tem uma área de 101.023 Km² e população de 7.918.344 habitantes, com participação no PIB nacional de 2,6% e composição do PIB agropecuário de 7,7%. No litoral o clima é tropical atlântico e a vegetação constituída por mangues. Em direção ao oeste encontra-se uma vegetação típica de floresta tropical (zona da mata), depois uma área de transição para a caatinga (agreste) e, finalmente, predomina a caatinga típica do clima semi-árido brasileiro.

A criação de caprinos e ovinos configura-se como uma das alternativas agropecuárias apropriadas para gerar crescimento econômico e benefícios reais no âmbito da região semi-árida. Entre os vários motivos, estão eles: adequação aos agroecossistemas do semi-árido, baixa necessidade de capital inicial, capacidade de acumulação de renda em pequena escala, elevado potencial de geração de ocupações produtivas, fácil apropriação sócio-cultural e oferta de produtos com grande apelo em novos mercados. Para a concretização dessa alternativa faz-se necessário aumentar a eficiência produtiva dos sistemas pecuários e o acesso aos mercados dos produtos caprinos e ovinos produzidos por agricultores familiares.

Este trabalho apresenta os resultados de um projeto que visa ampliar os meios de subsistência de comunidades rurais assentadas pela reforma agrária no Semi-Árido do Nordeste brasileiro, identificando as oportunidades de mercado e os fatores que

determinam a competitividade sistêmica e estrutural dos produtos caprinos e ovinos produzidos por agricultores familiares, em especial, os assentados em programas de Reforma Agrária no território do Alto Pajéu, Pernambuco.

2. Metodologia

O estudo foi realizado com base em dados secundários, na observação direta dos fenômenos e em entrevistas com pessoas ou informantes chaves dos diversos segmentos que compõem a cadeia produtiva da caprinovinocultura no território do Pajéu. A Figura 1 mostra a localização da microrregião do Pajéu, em Pernambuco.

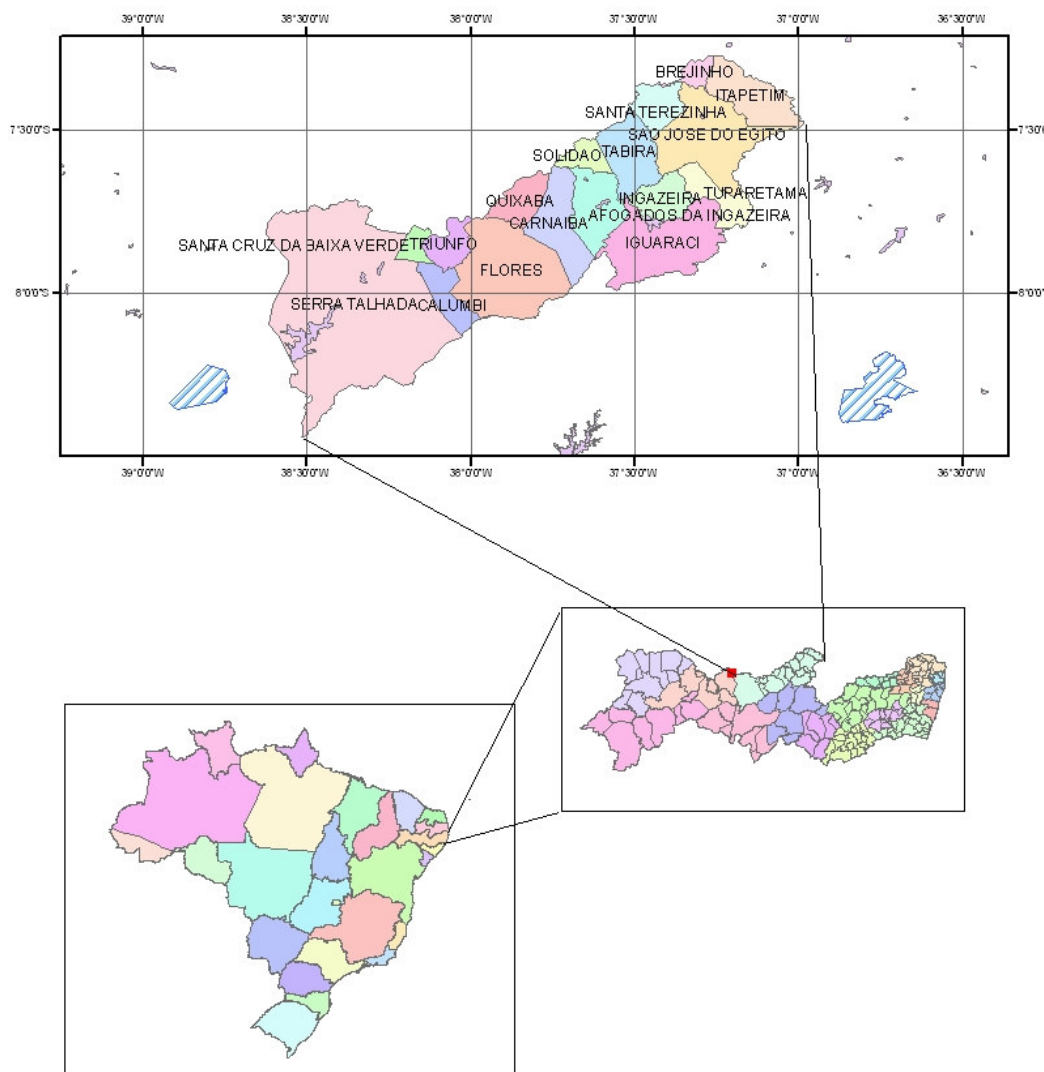


Figura 1. Localização da microrregião do Pajéu/PE.

As informações secundárias foram coletadas das bases de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das secretarias e órgãos da administração do Estado de Pernambuco e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Nessa etapa foi caracterizado o Estado de Pernambuco e a microrregião Pajéu, com ênfase na produção de caprinos e ovinos.

As entrevistas foram realizadas por pesquisadores da Embrapa e auxiliares de pesquisa. Os informantes-chaves eram vendedores de insumos agropecuários, produtores, intermediários, abatedores, comerciantes de carne (retalhistas), representantes de

organizações de produtores rurais e de instituições que atuam na cadeia produtiva da caprinoovinocultura.

Na observação direta, técnicos da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA), durante o ano de 2005, aplicaram 195 questionários aos produtores de caprinos e ovinos de 10 municípios da microrregião do Pajeú (Tabela 1).

Tabela 1. Número de entrevistas por município.

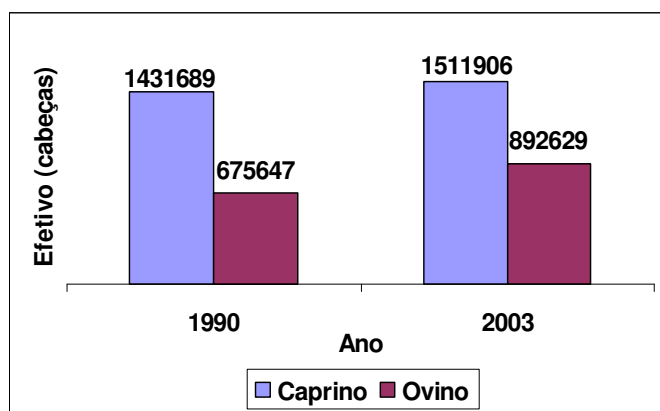
Município	Entrevistados	
	Número	%
Afogados da Ingazeira	34	17,44
Brejinho	7	3,59
Carnaíba	33	16,92
Iguaraci	26	13,33
Itapetim	14	7,18
Quixaba	18	9,23
Santa Terezinha	5	2,56
Sertania	24	12,31
Tabira	20	10,26
Tuparetama	14	7,18
TOTAL	195	100

Fonte: Dados da pesquisa.

3. Resultados

3.1. Localização e evolução da caprinovinocultura em Pernambuco

A pecuária de caprinos e ovinos no Estado de Pernambuco se destaca no cenário brasileiro em termos de efetivo de rebanho, detendo, em 2003, o segundo maior rebanho de caprino e o quinto de ovinos com 1,5 milhão e 893 mil cabeças, respectivamente. Ao longo do período entre 1990 e 2003, ocorreu crescimento do rebanho caprino e ovino, com aumento da importância desses rebanhos na região nordeste do Brasil, principal região produtora desses animais no país (Figura 2a). O crescimento do rebanho ovino foi proporcionalmente maior que o do rebanho caprino, como pode ser observado na Figura 2b.



(a)

Indicadores	Ano	
	1990	2003
Relação caprino/ovino	2,12	1,69
Participação no Rebanho do Nordeste (%)		
Caprinos	13	17
Ovinos	9	11

(b)

Figura 02. Evolução dos efetivos caprino e ovino em Pernambuco no período 1990 – 2003. (a) Efetivos; e (b) Comparação da evolução dos rebanhos caprinos e ovinos e em relação aos rebanhos do Nordeste. Fonte. Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2005).

Assim como em outros estados do nordeste do Brasil, em Pernambuco a criação de pequenos ruminantes esta concentrada na região de clima semi-árido, sendo as principais microrregiões produtoras Petrolina, Itaparica, Sertão do Moxotó, Pajeú e Salgueiro (Figuras 3 e 4).



Figura 3. Concentração de ovinos por microrregião de Pernambuco.



Figura 4. Concentração de caprinos por microrregião de Pernambuco.

Na Tabela 2 pode-se observar que o efetivo ovino cresceu em todas as microrregiões de Pernambuco, à exceção do Vale do Ipojuca e Garanhuns. Com relação à microrregião do Pajeú, observa-se que o efetivo ovino apresentou um crescimento de 10% no período de 1990 a 2003, mas esta região diminui sua participação relativa no efetivo estadual (passou de 12% para 10%, no mesmo período). Esta diminuição de importância relativa deve-se ao fato de que o crescimento do rebanho ovino na Região do Pajeú, cresceu proporcionalmente menos que o rebanho ovino estadual. Já o efetivo caprino decresceu em quase todas as microrregiões, à exceção de Itaparica, Sertão do Moxotó e outras microrregiões menos importantes em termos de tamanho do rebanho e

que estão localizadas próximas a capital, sugerindo um crescimento orientado para produção leiteira visando atender o mercado da região metropolitana de Recife/PE.

Tabela 2. Evolução e participação dos efetivos caprino e ovino das microrregiões do Estado de Pernambuco em 1990 e 2003.

Microrregião	Evolução 1990-2003		Participação no estado			
	Caprinos (%)	Ovinos (%)	Caprinos (%)		Ovinos (%)	
			1990	2003	1990	2003
Itaparica	82	31	18	31	13	13
Petrolina	-24	86	24	17	18	25
Sertão do Moxotó	29	64	13	16	12	14
Pajeú	-5	10	11	10	12	10
Salgueiro	-11	12	11	9	11	9
Araripina	-38	16	8	4	8	7
Vale do Ipojuca	-31	-10	4	3	7	5
Vale do Ipanema	-3	82	2	2	5	7
Alto Capibaribe	78	32	1	2	2	2
Garanhuns	-71	-56	3	1	9	3
Brejo Pernambucano	22	34	1	1	2	2
Médio Capibaribe	-35	83	2	1	1	1
Mata Setentrional	-16	153	1	1	0	1
Mata Meridional	-9	51	1	0	1	1
Vitória de Santo Antão	89	107	0	0	0	0
Recife	7	85	0	0	0	0
Itamaracá	99	219	0	0	0	0
Suape	26	37	0	0	0	0

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2005).

3.2 A caprinovinocultura na microrregião do Pajeú, PE.

A caprinovinocultura está presente em todos os municípios da microrregião do Pajeú, em Pernambuco. Em geral, esta atividade divide importância com a bovinocultura de corte ou mista (corte e leite). Os maiores efetivos caprino e ovino estão localizados no município de Serra Talhada. Santa Terezinha possui o menor efetivo de caprino e Triunfo, o menor de ovinos. A maior densidade caprina e ovina está no município de Carnaíba e a menor, no município de Calumbi (Tabela 3).

Tabela 3. Efetivos caprino e ovino, sua evolução no período entre 1990 e 2003, relação caprino/ovino em 1990 e 2003 e densidade caprina e ovina em 2003, por municípios da microrregião do Pajeú, Pernambuco

Município	Efetivo e evolução Caprinos		Efetivo e evolução ovinos		Relação caprino/ovino		Densidade caprina e ovina
	Cabeças	%	Cabeças	%	1990	2003	Cabeças /Km ²
Afogados da Ingazeira	7300	-23	5000	100	3,80	1,46	32,00
Brejinho	2000	11	1200	33	2,00	1,67	37,74
Carnaíba	9700	76	8000	100	1,38	1,21	81,30
Calumbi	2100	49	1400	-42	0,58	1,50	8,18
Flores	16500	-5	6000	-11	2,59	2,75	23,44
Iguaraci	12400	24	8600	-14	1,00	1,44	27,26
Ingazeira	5000	-23	7200	60	1,44	0,69	49,67
Itapetim	8600	153	4500	-32	0,52	1,91	27,29
Quixaba	2700	-(1)	1880	-(1)	-(1)	1,44	21,26
Santa Cruz da Baixa Verde	2100	-(1)	2200	-(1)	-(1)	0,95	47,36
Santa Terezinha	1100	-54	1400	8	1,85	0,79	11,44
São José do Egito	6000	50	8500	42	0,67	0,71	20,48
Serra Talhada	54000	-29	21000	-24	2,74	2,57	25,40
Solidão	1750	-13	400	0	5,00	4,38	16,53
Tabira	5000	0	3300	120	3,33	1,52	21,20
Triunfo	1300	-77	750	-60	2,99	1,73	11,30
Tuparetama	7000	289	5000	150	0,90	1,40	52,04

(1) Municípios criados após 1990.

Fonte: Elaborada a partir dos dados da pesquisa.

O efetivo caprino decresceu principalmente nos municípios de Triunfo, Santa Terezinha, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira e Ingazeira. Enquanto que, o efetivo ovino decresceu principalmente em Triunfo, Calumbi, Itapetim e Serra Talhada. Analisando a relação caprino/ovino em 1990 e 2003, verifica-se que ocorreu aumento proporcional do efetivo ovino em ordem decrescente nos seguintes municípios: Afogados da Ingazeira, Tabira, Triunfo, Santa Terezinha, Ingazeira, Solidão, Brejinho, Serra Talhada e Carnaíba. Já o efetivo caprino cresceu proporcionalmente nos seguintes municípios, em ordem decrescente: Itapetim, Calumbi, Tuparetama, Iguaraci e Flores (ver Tabela 3).

3.3 Produtores de caprinos e ovinos da microrregião de Pajeú, PE.

As variáveis quantitativas estudadas na caracterização dos produtores estão descritas na Tabela 4. Verifica-se que houve grande variação no tamanho das propriedades e dos rebanhos. Em média, as propriedades tinham 76,86 ha e 38,74 matrizes, sendo 24,27 caprinas e 14,47 ovinas. Ainda 27,68 ha eram destinados à

pastagem e existiam 9,80 matrizes caprinas a mais que ovinas. A idade dos proprietários variava de 20 a 77 anos, sendo a idade média de 47,09 anos.

Tabela 04. Variáveis quantitativas analisadas de 195 produtores de caprinos e ovinos da microrregião do Pajéu, Pernambuco, 2005.

Variáveis	Média	Desvio padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Área Total (ha)	76,86	210,37	25,00	1,00	2200,00
Área com pastagens (ha)	27,68	75,87	8,00	0,00	700,00
Matrizes caprina (cabeças)	24,27	60,03	8,00	0,00	600,00
Matrizes ovina (cabeças)	14,47	27,66	4,00	0,00	250,00
Total de matrizes (cabeças)	38,74	79,29	18,00	1,00	850,00
Idade do produtor (anos)	47,09	20,86	44,00	20,00	77,00

Fonte: Elaborada a partir dos dados da pesquisa.

3.3.1 PRODUÇÃO DE LEITE: é pequena e localizada em alguns aglomerados produtivos do território. Identificou-se três núcleos principais de produção nessa região, com características descritas a seguir:

Produtores de Leite de Afogados da Ingazeira: vendem o leite de cabra para um pequeno empresário da região, por R\$ 0,80/litro. Este empresário produz sorvete, iogurte e vende o leite in natura no comércio de Afogados da Ingazeira. Este núcleo concentra seis produtores com média de produção de 10 litros de leite por dia, produzidos uniformemente durante o ano. O preço de venda ao consumidor é de R\$ 1,30/litro. Estes produtores planejam produzir sabonete. Os animais se alimentam de pasto natural e/ou cultivado durante o dia e são recolhidos ao final da tarde para um aprisco, onde recebem milho moído com palha e sabugo, sal comum e suplemento mineral. As principais práticas sanitárias são vermifugação (janeiro e junho) e corte de umbigo. A maioria das cabras é mestiça da raça Saanen, sendo os reprodutores também mestiços de Saanen, comprados na região. Os cabritos são vendidos com 40 dias de idade, em média, por R\$ 25,00/cabeça.

Produtores de Leite de Jabitacá: Distrito do município de Igaraci, PE. Na região existe uma Associação de Produtores com 42 associados, dos municípios de Tuparetama, São José do Egito e Igaracy. Atualmente, apenas cinco produtores associados produzem leite de cabra entregando 350 litros de leite por dia no município de Monteiro, PB. O leite recebido pela Associação de Jabitacá é resfriado em um tanque de expansão instalado na sede da Associação, em Jabitacá, onde são feitas coleta e armazenamento da produção, durante três dias. O tanque de expansão tem capacidade para armazenar 1680 litros e foi adquirido por R\$ 14.000,00 com recursos dos produtores. O leite coletado é entregue para uma associação em Monteiro, Paraíba, localizada a 32 km do ponto de coleta. Esta associação repassa o leite para os programas sociais do governo do Estado da Paraíba, ao preço de R\$ 1,40/L. Deste valor, 80% são de responsabilidade do Governo Federal e 20% do Governo Estadual. Os produtores afirmam que, a demanda do Estado da Paraíba é de 20.000 L/dia, mas a produção é de apenas 10.000 L/dia.

A produção de leite da Associação de Jabitacá já foi de 1000 L/dia, mas por atraso nos pagamentos, muitos produtores abandonaram a atividade. Com a regularização dos pagamentos do leite, os produtores estão retomando a produção e pretendem, nos próximos 15 dias, produzir 500 litros/dia. Existe um projeto para instalação de uma usina de laticínios, com capacidade de pasteurizar 3.000 L/dia.

As cabras leiteiras utilizadas eram mestiças das raças Parda Alpina, Saanen e Toggenburg, com cada cabra produzindo, em média, 2 litros/dia, em duas ordenhas, por cerca de 7 meses ao ano. A alimentação foi baseada em pasto nativo, 200 g de soja, e 200g de xerém de milho por cabra. Os produtores dispõem de Assistência Técnica por meio de um programa de Agente de Desenvolvimento Rural (ADR) da Secretaria de Agricultura, que realiza uma visita por mês, a um grupo de 20 produtores.

O preço de venda do leite é R\$ 1,00/litro entregue em Monteiro. O custo de transporte é de R\$ 100,00 por viagem, cabendo a Associação de Monteiro 20% deste custo. A Tabela 5 compara as principais características dos sistemas de produção de leite de cabras em Afogados da Ingazeira e Jabitacá.

Tabela 5 – Características dos sistemas de produção de leite de cabras em Afogados da Ingazeira e Jabitacá, PE, 2005.

Características	Município	
	Afogados da Ingazeira	Jabitacá
Produção média (L/produtor/dia)	10	70
Preço pago ao produtor (R\$/L)	0,80	1,00
Preço ao consumidor (R\$/L)	1,30	1,40
Mercado principal	Consumidores de Afogados da Ingazeira	Institucional (Governo da Paraíba)
Sistema de produção		
Alimentação	Pasto natural e/ou cultivado	Pasto natural
Suplementação	Milho moído com palha e sabugo	200 g de soja + 200g de xerém de milho por cabra
Práticas sanitárias mais comuns	Vermifugação (janeiro e junho) e corte e desinfecção do umbigo	-
Raça – matrizes	Mestiças de saanen	Mestiças de Parda Alpina ou Saanen ou Toggenburg
Raça – reprodutores	Saanen	Parda Alpina ou Saanen ou Toggenburg
Número de ordenhas	-	Duas
Período de lactação das cabras- meses	-	Sete

Fonte: Elaborada a partir dos dados da pesquisa.

Produtores de Leite de Sertânia: Existem 28 produtores de leite no município de Sertânia produzindo um total de 1.000 L/dia. A prefeitura municipal de Sertânia compra 280 L/dia e o restante vai para Monteiro, PB. Na sede do município de Sertânia foi implantado um Centro de Excelência em Derivados de Caprinos e Ovinos, com financiamento do Governo Federal, através do Ministério da Ciência e Tecnologia. Este Centro tem por objetivo processar leite caprino e carne de caprinos e ovinos, e servir como local de treinamento para multiplicadores. A capacidade instalada do pasteurizador é de 1000 L/hora e serão produzidos leite fluído pasteurizado, iogurte, leite achocolatado, queijos. O Centro será gerido por uma autarquia municipal que está sendo constituída.

3.3.2 PRODUÇÃO DE CARNE: é disseminada por todo o território do Estado de Pernambuco, onde muitos pequenos produtores produzem pequenas quantidades. A produção é vendida, principalmente, nas feiras livres de animais vivos da região, que ocorrem semanalmente em várias cidades. Observou-se que, recentemente, estão surgindo comerciantes especializados em cortes padronizados visando atender ao mercado de Recife, capital do Estado de Pernambuco, localizado à cerca de 350 Km da região.

Em geral, o manejo alimentar dos sistemas tradicionais de produção de carne utiliza um baixo nível tecnológico e, consiste em na época chuvosa e, enquanto existir alimentos na caatinga, deixar os animais alimentarem-se exclusivamente da composição florística da vegetação nativa, ou seja, da caatinga. Quando a forragem nativa começa a escassear, é ofertada suplementação volumosa. Os bovinos são os primeiros a receberem suplementação, seguidos dos ovinos e, somente, quando a falta de alimentos na caatinga se torna crítica, os caprinos passam a receber suplementação alimentar. As matrizes em lactação, os animais não desmamados, os animais em pior estado nutricional e os mais debilitados por problema de saúde, são as categorias que têm preferência para receber a suplementação. As fêmeas não lactantes, os animais jovens desmamados e aqueles sadios, são soltos na caatinga para buscarem os alimentos que, porventura, ainda restem no ambiente e não recebem suplementação.

Os alimentos mais utilizados na suplementação são restos de cultura e/ou forrageiras plantadas. Quando são insuficientes, cactáceas e/ou outras forrageiras resistentes à seca, presentes na caatinga, são fornecidas aos animais. Quando também essas se tornam insuficientes, vendem parte dos animais para comprar alimentos para os restantes. Se tudo isso falhar, resta a todos os animais encontrarem na caatinga seus alimentos. Ressalta-se que existem disponibilidades de pastagens e sistemas de alimentação diferentes entre os microclimas da região.

A dizimação da cultura da palma diminuiu a capacidade dos sistemas de produção de resistir à secas prolongadas. Consideram, contudo, que o impacto da redução das áreas com palma sobre a produção animal ainda não foi sentida em toda sua plenitude, por ter sido normal a pluviosidade da região nos últimos três anos.

Para melhorar a produção, os produtores acreditam que se faz necessário melhorar a alimentação dos animais.

A maioria dos animais são vendidos para intermediários nas propriedades que revendem os animais em feiras livres nas sedes dos municípios. Alguns produtores levam os animais para as feiras livres mais próximas. Os preços praticados variam de acordo com a qualidade dos animais. Caprinos e ovinos com idade entre 6 e 8 meses, pesando de 10 a 12 kg de carcaça, são vendidos nas propriedades a R\$ 4,00/ Kg de carne. Nas feiras livres, esse valor pode chegar a R\$ 5,00. Entretanto, para vender os animais nas feiras livres, distantes, entre 20 e 70 Km, os produtores têm custos com

transporte do animal (R\$ 1,50 a R\$ 2,50/ cabeça, em média) e transporte do produtor (R\$ 4,00/ pessoa, em média). Com a implantação da Agência Estadual de Defesa Agropecuária (ADAGRO), passou a ser cobrado uma taxa de R\$ 0,365/animal pela emissão de um Guia de Trânsito Animal (GTA). Esse procedimento ainda está em implantação e ocorrem casos dos produtores terem que realizar uma visita ao local de realização da feira antes do dia da feira, para somente então poderem levar os animais para serem comercializados, tornando ainda mais caro o processo de comercialização. O transporte dos animais é feito, em geral, em caminhonetes ou caminhões, que também servem de transporte de pessoas. São realizadas, semanalmente, feiras livres de comercialização de animais vivos em sedes e distritos de municípios da região. Existem vários intermediários que comercializam animais nessas feiras livres, alguns participam de diferentes feiras. A inexistência de estatísticas oficiais sobre os participantes das feiras impossibilita a estimativa do número de atravessadores que comercializam nessas feiras. A Figura 5 apresenta os fluxos de comercialização de animais vivos para abate, carcaças e cortes de carne.

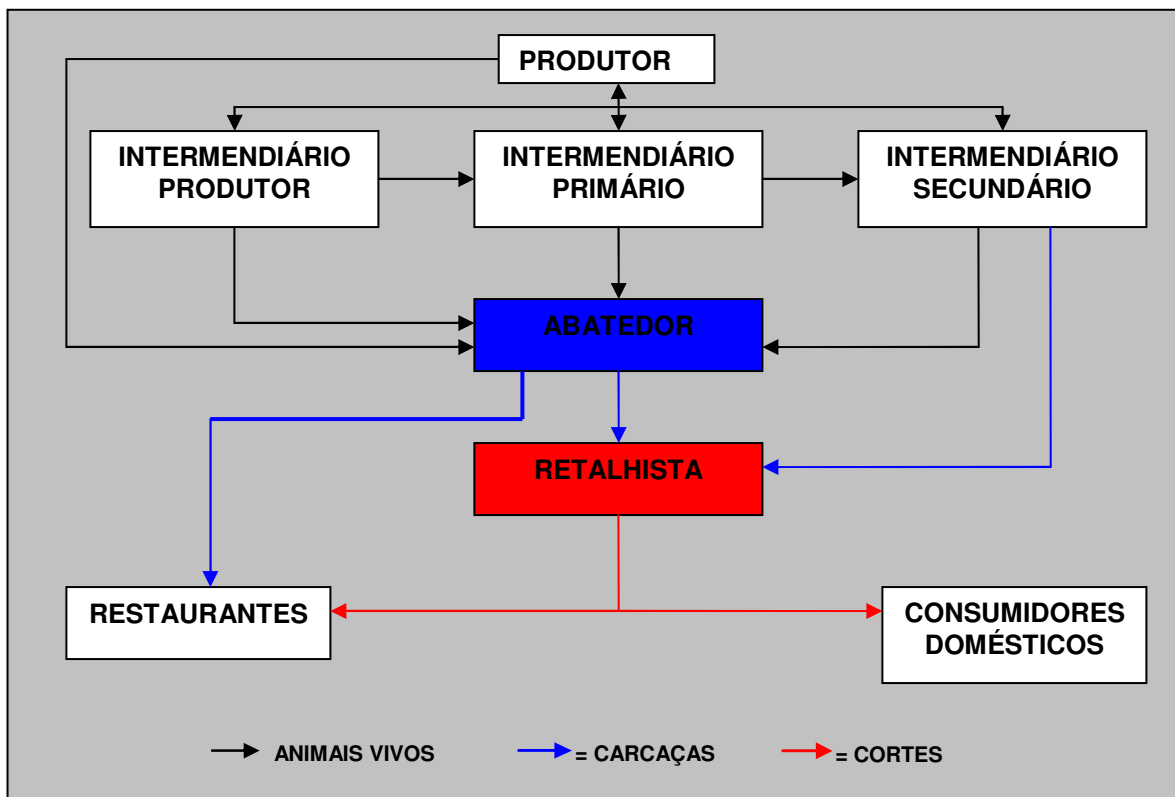
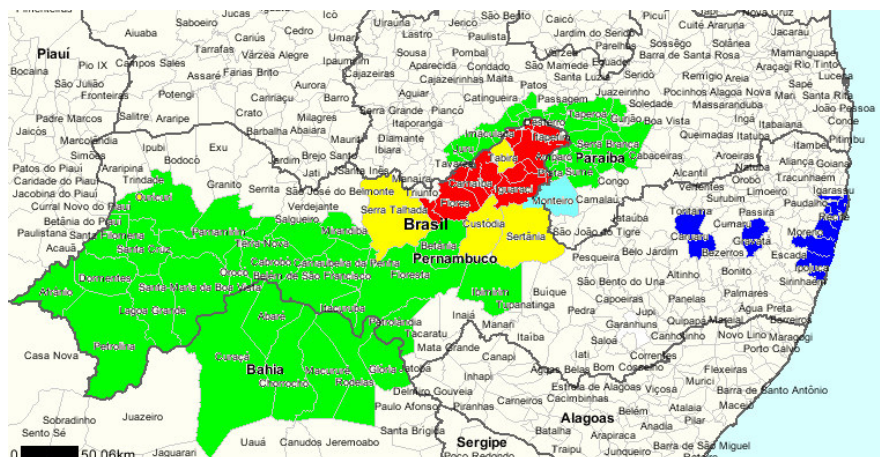


Figura 5. Principais fluxos de comercialização de animais vivos para abate, carcaças e cortes de carne caprina e ovina, na microrregião do Pajeú, PE, no ano de 2005.

Os agentes de comercialização são produtores, intermediários de animais vivos locais e regionais, intermediários de peles, abatedouros, retalhistas/açougeiros locais e regionais e compradores de animais para abate em outras regiões. O abate é realizado sem inspeção sanitária, nos quintais das casas ou em matadouros públicos municipais que não atendem as normas do Regulamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal. Existe um abatedouro-frigorífico em Afogados da Ingazeira com capacidade para abater 100 cabeças/dia, e para comercialização de cortes especiais de carne, no

mercado de Recife. Atualmente, este se encontra sem funcionar, por causa de problemas para obtenção do Certificado de Inspeção Estadual. Os proprietários estão realizando investimentos para se adequarem às normas do Serviço de Inspeção Estadual. Existem ainda pequenas feiras-livres de animais vivos nos dias de sexta-feira, nas sedes dos municípios de Carnaíba e Ingazeira; e nos dias de segunda-feira nas sedes dos municípios de Itapetim, Santa Terezinha, Tuparetama, Iguaraci, Flores e Santa Cruz da Baixa Verde. Nessas feiras são comercializados entre 30 e 80 animais por dia. A Figura 6 destaca as principais feiras de animais vivos do território do Pajéu, os principais municípios de origem e destino destes animais vivos, e o município de Monteiro na Paraíba, destino da produção do leite de cabra produzido na região.



- Origem dos caprinos e ovinos comercializados nas Feiras da região do Pajéu.
- Municípios de realização das principais feiras de animais vivos com importância regional/estadual.
- Municípios de realização de pequenas feiras para os mercados locais.
- Município de Monteiro, Paraíba, onde estão localizadas as Usinas de Beneficiamento de Leite que compram leite dos produtores do território do Pajéu.
- Caruaru, Gravatá, Recife e municípios circunvizinhos, principais destinos dos animais vendidos para fora do mercado regional.

Figura 6. Concentração de ovinos e principais fluxos de comercialização de animais na microrregião Pajéu, PE, no ano de 2005.

Não existem feiras específicas para venda de animais para abate. No entanto, há exposições agropecuárias que comercializam animais de “vendedores de genéticas”. Há exposições de caprinos e ovinos nos municípios de Sertânia, Afogados da Ingazeira, Serra Talhada, Custódia, Tuparetama, Carnaíba, São José do Egito. Essas exposições têm como objetivo a demonstração de tecnologias, realização de torneios leiteiros, julgamento da conformação racial de animais e compra e venda de reprodutores. As raças comercializadas variam ao longo do tempo. Atualmente, as raças de animais mais presentes nessas exposições são Boer, Anglonubiana, e Saanen para caprinos, e Santa Inês e Dorper para ovinos. Porém, os preços praticados são elevados para os produtores familiares. Em geral, os animais são valorizados por características fenotípicas e não por suas características produtivas.

Na visão dos produtores, o mercado demanda animais com idade entre 7 e 8 meses e peso aproximado de 15 Kg/carça. Eles acreditam que uma boa estratégia para

melhorar o acesso ao mercado seria através da organização em associações e/ou cooperativas, para produção e comercialização de caprinos e ovinos. Alguns produtores sentem a falta de uma organização regional/territorial, o que poderá ser concretizada pelo Fórum da Caprinovinocultura de Pernambuco.

Entre as principais dificuldades dos produtores para acesso ao mercado foram identificadas a falta de informações sobre tendências e preços praticados no mercado. Os produtores desconhecem as possíveis estratégias de diferenciação dos produtos da agricultura familiar. Em geral, por causa da falta de incentivo, eles têm a visão de que os seus produtos são de qualidade inferior aos produtos oferecidos pelos grandes produtores.

3.3.3 PELES – Em Afogados da Ingazeira existem dois intermediários de peles, um está na atividade há 40 anos e outro há 4 anos. São interemediários que compram para revender a armazenistas que vendem para curtumes (Figura 7). As peles são originadas de produtores de Afogados da Ingazeira e municípios vizinhos, como Custódia, Ingazeira, Tabira, Carnaíba, Flores.



Figura 7. Fluxo principal das peles de caprinos e ovinos na microrregião do Pajeú, PE.

As peles são compradas dos produtores em estado fresco ou pré-salgadas. Após a compra, as peles são aparadas e salgadas, utilizado 25 Kg de sal comum para 20 peles, o que representa um custo por pele de R\$ 0,20. Para conservar as peles, o intermediário tem despesas com transporte e mão-de-obra permanente (um homem-dia). Em julho de 2005, o preço de compra de uma pele caprina, sem defeitos visíveis era de R\$ 4,00 e, a de ovinos, R\$ 5,00. Os pagamentos das compras eram realizados à vista e mais de 90% das peles eram compradas sem defeitos visíveis. A margem de comercialização do intermediário era R\$ 1,00/pele. Peles com defeitos visíveis eram compradas pela metade do preço e a margem do intermediário caía pela metade. As principais causas dos defeitos visíveis eram corte e risco de arame e queda de pêlos por má conservação. Esses preços estavam sendo considerados baixos, pois em dezembro de 2004, os preços de compra de uma pele caprina chegou a R\$ 10,00 e, a ovina, R\$ 13,00.

Estima-se que sejam comercializadas, aproximadamente, 400 peles caprina e ovina pelos dois intermediários de Afogados da Ingazeira. A demanda por peles aumenta entre setembro e dezembro por causa do final de ano. Em dezembro de 2004, o maior intermediário comercializou 700 peles por mês. Nesta época diminui a oferta de peles por causa da escassez de animais para abate. Em geral, consideram que, 70% das peles vendidas são de caprinos. Mas, no período chuvoso, há aumento de 50% nas peles de ovinos, enquanto que, no período seco, ocorre aumento de 80% nas peles de caprinos.

3.4 Retalhistas do comércio de carne da microrregião do Pajeú, PE.

A maioria dos retalhistas atuam em feiras livres, mercados públicos e em pequenos pontos de venda (açougues). Em Serra Talhada, a maior cidade da região, existem 15 retalhistas considerados grandes e 85 pequenos. Em cidades menores, como Santa Terezinha, existem aproximadamente 30 retalhistas. Em Afogados da Ingazeira, cidade de porte intermediário na região, estima-se que existam 50 retalhistas, sendo que

10 comercializam dentro do mercado público municipal. O comércio de carnes no mercado local ocorre principalmente nos dias de sábado e é mais intenso no início de cada mês, por causa da renda de aposentados, de funcionários públicos e renda dos programas sociais do Governo Federal. Em Afogados da Ingazeira o Serviço Municipal de Inspeção e Vigilância Sanitária foi implantado há seis meses e tem gerado descontentamento por parte dos retalhistas.

As maiores dificuldades enfrentadas pelos retalhistas são os elevados preços das carnes, o baixo poder aquisitivo da população e o baixo rendimento das carcaças. Surgiram recentemente, em municípios como Serra Talhada e Afogados da Ingazeira, pequenos empresários que se especializaram em realizar cortes nobres para envio para a capital do Estado de Pernambuco, Recife. Os abates são terceirizados. Em Serra Talhada existem quatro desses pequenos empresários. Um desses empresários (Empresa 1) começou a investir nessa atividade em dezembro de 2001 e, atualmente, abate de 35 a 40 animais por semana, sendo 90%. A Figura 8 descreve os agentes envolvidos e os custos de produção da Empresa 1. A Empresa 1 produzia 12 produtos cárneos, mas não produzia cortes de costela (bisteca) por considerar que não compensava financeiramente, utilizando a carne desossada para elaboração de embutidos e hambúrguer (Tabela 6).

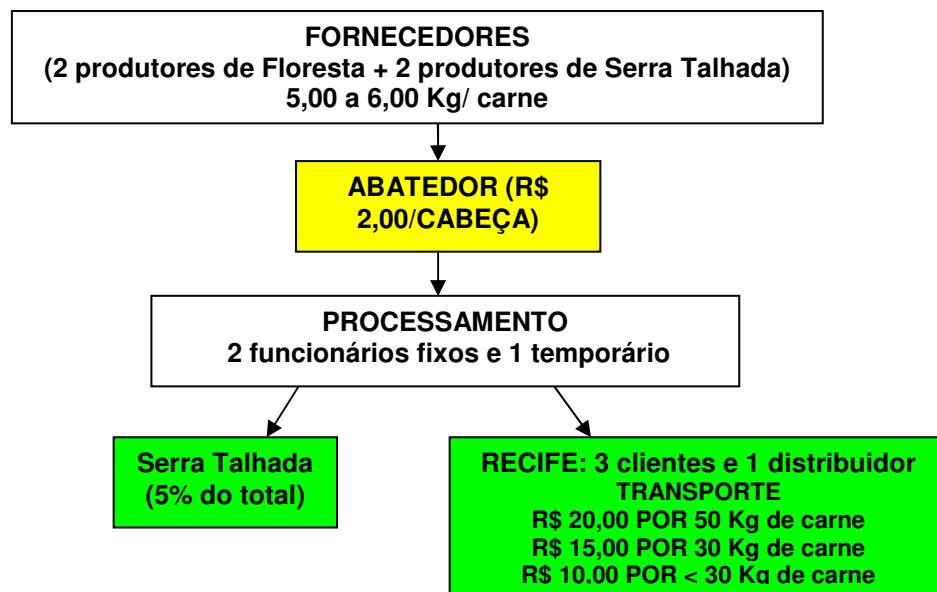


Figura 8. Agentes, custos e destino da produção de uma pequena empresa especializada em preparar cortes especiais de carnes de caprinos e ovinos, no município de Serra Talhada, Pernambuco, no ano de 2005.

Tabela 6. Produtos produzidos por uma pequena empresa especializada em preparar cortes especiais de carne de caprinos e ovinos, no município de Serra Talhada, Pernambuco com seus respectivos preços, no ano de 2005.

PRODUTO	R\$/Kg
Hambúrguer	8,50
Almôndega	8,50
Lingüiça Toscana	9,00
Paleta sem osso	8,50
Paleta fatiada	8,00
Pernil sem osso	12,00
Pernil fatiado	9,00
Contra-filé	12,00
Espetinho (12 unidades)	8,50
Filé	14,00
Buchada temperada	13,00
Sarapatel	7,00

Fonte: Elaborada a partir dos dados da pesquisa.

Entre os pequenos empresários que preparam cortes especiais de caprinos e ovinos em Serra Talhada, o maior deles processava de 70 a 140 ovinos por semana e não abatía caprinos (Empresa 2). A Figura 9 descreve os agentes envolvidos e os custos e preços de venda pela Empresa 2.

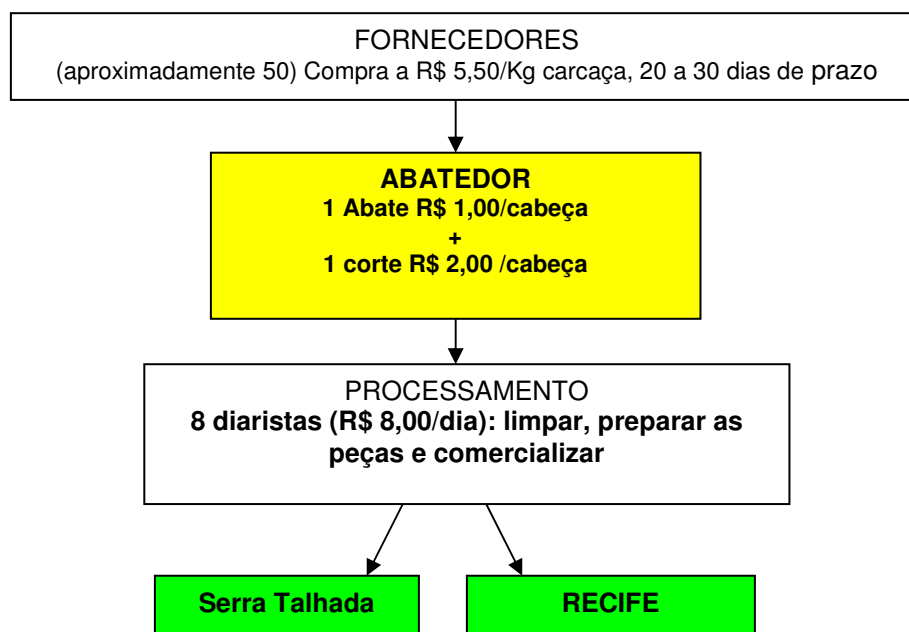


Figura 9. Agentes, custos e destino da produção da maior empresa especializada em preparar cortes especiais de carne de caprinos e ovinos, no município de Serra Talhada, Pernambuco, no ano de 2005.

Essas empresas tinham preferência por animais com idade de oito meses a 1 ano e com peso 13 a 18 Kg de carcaça, e no máximo 20 Kg/carcaça. As maiores dificuldades enfrentadas por essas empresas eram encontrar animais em condições de abate, principalmente em novembro e dezembro. O pior momento de venda era durante

a semana santa quando a procura diminui por causa da abstinência de carne, pela população católica. A demanda aumentava em junho e dezembro por causa, das festas juninas e final de ano.

4. Considerações Finais

Os resultados encontrados permitiram obter um melhor entendimento da cadeia produtiva de caprinos e ovinos na microrregião de Pajeú, no Estado de Pernambuco. Observou-se, a tendência de que a caprinocultura está se deslocando para microrregiões mais próximas da capital, talvez com o objetivo de explorar a produção de leite, devido à maior proximidade do mercado consumidor.

Com relação à microrregião do Pajeú, observou-se que houve crescimento do efetivo ovino, ao mesmo tempo em que o efetivo de caprinos diminuiu, perdendo importância relativa quando comparada com a produção do Estado. Detectou-se também algumas deficiências que podem comprometer o desenvolvimento da caprinoovinocultura. Por exemplo, a comercialização ainda é muito rudimentar e os produtores não buscam formas alternativas de comercialização, tais como a criação de cooperativas/associações para cuidar das vendas dos produtos. Um outro fato que chama a atenção é que a grande maioria do leite de cabra que é produzido, é absorvida pelos Programas Governamentais. Esta elevada dependência não é recomendável, pois aumenta substancialmente o risco da atividade, dado que o produtor fica muito dependente do cenário político e, este poderá mudar a qualquer momento.

Isto posto, pode-se concluir que, tanto os produtores de leite quanto os produtores de carne, enfrentam sérios problemas desde a fase de produção até a comercialização. Estes problemas precisam ser bem administrados por todos os elos que compõem a cadeia produtiva. Só assim poder-se-á estimular o desenvolvimento da caprinoovinocultura naquela microrregião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANCO DE DADOS AGREGADOS. IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Pesquisa Pecuária Municipal. Efetivos dos Rebanhos. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em 05 ago. 2005.
- PERNAMBUCO. Governo do Estado. Governo nos municípios 2004-2007: Plano regional de inclusão social - Pajeú estratégico. Recife, 2003. 73 p.
- SILVA, F.B.R.; RICHÉ, G.R.; TONNEAU, J.P. ET AL. Zoneamento Agroecológico do Nordeste: diagnóstico do quadro natural e agrosocioeconômico. Petrolina, PE: EMBRAPA-CPATSA/Recife: EMBRAPA-CNPS. Coordenadoria Regional Nordeste, 1993. v.2. 387p